

“CENÁRIOS”: UM RECORTE TRANSTEXTUAL NA LITERATURA DE SÉRGIO SANT’ANNA

TEDESCO, Patrick¹
CUNHA, João Manuel dos Santos²

¹Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Letras - Literatura Comparada, contato@patricktedesco.com

²Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Letras - Literatura Comparada, profjoaomanuel@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este resumo constitui-se como resultado parcial da investigação em andamento para a produção da dissertação de mestrado intitulada “A escrita literária na confluência de linguagens estéticas: relações entre palavra e imagem em Sérgio Sant’Anna”. Trata-se de relato sucinto das conclusões a que se chegou com a análise do conto “Cenários”, narrativa que é discutida em capítulo específico da dissertação que será defendida junto ao Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPEL – Mestrado em Letras, área de concentração em Literatura Comparada, vinculada ao projeto de pesquisa institucionalizado “Literatura brasileira contemporânea: fluxos e influxos transtextuais”, desenvolvido junto ao Grupo de Pesquisa CNPq-UFPEL “Literatura comparada: interdisciplinaridade e intertextualidade”. O conto aqui analisado é visto como texto paradigmático para o exercício crítico a que se propõe a investigação como um todo.

O eixo da pesquisa interdisciplinar localiza-se no quadro do estudo das relações intertextuais entre palavra literária e signos imagéticos, vinculado, naturalmente, ao campo dos estudos comparados em literatura. O *corpus* literário definido para a pesquisa que sustenta a dissertação é constituído pelo conto “Cenários”, inserido no livro *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro* (1982); pelos contos “A mulher nua”, “A figurante” e “Contemplando as meninas de Balthus”, inscritos na terceira parte do livro *O voo da madrugada* (2003), intitulada “Três textos do olhar”; e pelo romance *O livro de Praga: narrativas de amor e arte* (2011). O recorte definido para a investigação transtextual coloca em evidência a natureza problematizadora da literatura de Sant’Anna, marcada, em sua totalidade, por questões de cunho metalinguístico, como a da impossibilidade de o discurso literário dar conta de uma objetividade que se recusa a ser captada pela palavra. Nesse contexto metaliterário, o autor, ao longo de sua obra, tem buscado ampliar o quadro inquiridor: e outros códigos estéticos, como o da pintura ou o do cinema, por exemplo, vistos enquanto possibilidades estéticas de interpretar o mundo, alcançariam esse desiderato?

Para a leitura crítica dos textos literários foram mobilizados conhecimentos de diversos campos do saber, entre eles, principalmente, constructos próprios ao quadro das teorias da literatura e das artes visuais (englobando pintura, cinema e fotografia) e de princípios teórico-críticos da área dos estudos semióticos, abrangendo tanto reflexões vinculadas à semiótica francesa, como as de Julia Kristeva e Roland Barthes, como as de teóricos da linha da semiótica norte-americana, como Charles Peirce, Julio Plaza e Lucia Santaella.

“Cenários” é um dos dez contos veiculados no livro *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro*, e é constituído, por sua vez, de quinze mininarrativas. Cada uma delas apresenta personagens, ações, lugares, temas e enredos

diferenciados. No entanto, todas são encerradas com a mesma assertiva: “Não, não é bem isso”. O conto, assim, estrutura-se como um conjunto de histórias encadeadas, sequências de ações montadas pela mesma estratégica formal: a constatação da impossibilidade de resolução dos conflitos esboçados, uma vez que a narração é sempre bruscamente interrompida. Como, por exemplo, ao final desta mininarrativa: “[...] E um cineasta que mixa, agora, um fundo sonoro que é apenas o zumbir e esvoaçar – intensificados, distorcidos – dessas moscas? E que poderá levar o espectador a um medo vago, indefinível e à náusea? Não, não é bem isso” (SANT’ANNA, 2007, p.109).

O fragmento corresponde ao último parágrafo da quinta mininarrativa e configura-se como uma exploração, por meio da expressão verbal literária, de eventos que não chegam à plenitude anedótica, impossíveis de serem captados em sua totalidade pela palavra escrita. Ou seja, formaliza-se como experimentação expressiva frustrada, como tentativa malsucedida de dar conta de uma objetividade inalcançável pelo discurso verbal. Ao trazer, no entanto, para esse exercício narrativo, a figura de um cineasta em meio, ele também, tal como o narrador literário, à tentativa de interpretar o real por meio de um código estético, o que o narrador de Sant’Anna propõe é a problematização do próprio ato de contar o mundo por meio de sistemas semióticos. Com a leitura para o conto “Cenários”, buscou-se, então, através de argumentação teórico-crítica, conjecturar sobre possíveis significados para um modo de narrar que, dado o seu caráter simbólico, não facilita, *a priori*, um sentido evidente: é a partir do exame dos fragmentos disponíveis e inconclusos e de sua articulação com princípios teóricos do âmbito da narratologia literária e da semiologia que se tentou engendrar um possível sentido para essa textualidade.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para o exame de “Cenários”, partiu-se do pressuposto, evidenciado por Eduardo Coutinho, de que, na atualidade, “os estudos literários tornam-se todos interdisciplinares, uma vez que passam a inscrever-se na esfera da cultura, marcada justamente pela confluência de áreas diversas do saber” (COUTINHO: 2011, p. 24). Esse entendimento não significa que, vista assim, a investigação em curso deixe de ter no literário o seu centro, mas que ele autoriza abordagem que leve em conta o fato de que o texto literário é, antes de tudo, produto da cultura, imbricado na confluência de diversos campos do saber, resultado do exercício de um olhar que se desloca por várias linguagens, originadas em diferentes locais da cultura, possibilitando, assim, o desenvolvimento de um estudo atento não apenas aos intertextos literários, mas na verificação da medida pela qual esses textos dialogam com outros objetos culturais e estéticos.

O procedimento metodológico adotado para o exercício interpretativo foi embasado no modelo construído por Roland Barthes, explicitado no livro *S/Z*, em que ele demonstra sua interpretação da novela *Sarrasine*, de Balzac, buscando acessar as possíveis entradas do texto – entendendo que ler é um “trabalho de linguagem” e buscando “estelar o texto”, salientar suas “veiazinhas de sentido” – de forma a revigorar a narrativa, potencializá-la, ao invés de condensá-la por interpretação restritiva e redutora. Uma das entradas utilizadas é justamente a da reflexão sobre a origem imagética da linguagem literária. Para ele, “qualquer descrição literária é uma *vista*” (BARTHES, 1970, p. 47). Ou seja, descrever seria como colocar à janela uma paisagem, enquadrá-la (pintá-la de acordo com o imaginário do autor), para, a partir daí, “des-pintá-la”. Assim, a escrita literária

seria, inevitavelmente, mediada pelo quadro de natureza visual que antecede à formatação da cena verbal.

Para esclarecer ainda questões relacionadas à aproximação entre palavra e imagem, recorreu-se às reflexões de um escritor e ensaísta contemporâneo, veiculadas no livro *O romancista ingênuo e o sentimental*, Ohran Pamuk (2011), já que ele não só exercita o literário como possibilidade de narrar o mundo, como também reflete, teoricamente, sobre a natureza também imagética da arte literária. Os ensaios de Pamuk, nesse sentido, cotejados com a construção teórica de Roland Barthes, apontam para direção semelhante.

Com relação também à natureza visual da escrita literária, identificou-se em conclusões do teórico da semiótica Julio Plaza, em especial no livro *Tradução intersemiótica*, a idéia de que “toda operação de substituição é, por natureza, uma operação de tradução – um signo se traduz em outro – condição, aliás, inalienável de toda interpretação: o sentido de um signo só pode se dar em outro signo” (PLAZA: 2008, p. 27). Em que pese tal constatação, no entanto, inferiu-se que, no ato da criação literária, ocorre a transposição do conteúdo do imaginário do escritor para a concretude do texto verbal, e, sendo assim, a criação de textos literários é, fundamentalmente, resultado de traduções intersemióticas de outros textos, formalizados em textualidades verbais ou não verbais, mas fundadas, de forma incontornável, no imaginário do escritor.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Considerando os aportes textuais apresentados, chegou-se a três resultados principais ao final da análise do conto “Cenários”, como se verá na sequência.

Primeiro: cada mininarrativa de “Cenários” pode ser vista como a instalação de um espaço diegético autônomo, algo assim como um “panorama” (ou “cenário”) criado por um encenador e para a qual o leitor é induzido a olhar. Assim, os segmentos apresentam a exposição do ato de criar, figurado pelo encenador/narrador, o qual, no entanto, configura-se não como um sujeito convicto da cena que cria, mas que se expõe como alguém que está em dúvida sobre a natureza do que narra. Esse sujeito busca expressar provavelmente um sentimento ou uma sensação, porém tal atitude não prospera bem. O caráter de hesitação desse narrador é reforçado pela característica formal do texto, estratégia do escritor para provocar determinado efeito na interpretação do leitor. Assim, no plano da expressão, o que se configura não é uma presença, mas uma ausência. A não ser ao final da assertiva – “não, não é bem isso” –, em todas as outras frases não existe ponto final. Em detrimento disso, todos os parágrafos finais são encerrados com pontos de interrogação, que finalizam graficamente os enunciados, mas, ao mesmo tempo, apontam para a incompletude do narrado. Essa estratégia formal reforça o caráter de indecisão mas também de impotência do encenador/narrador e reitera o fato de que a única certeza que transpassa o conto é justamente aquela que é encerrada com ponto final, ou seja, a de que aquilo que o narrador deseja narrar não é atingido e, portanto, é inalcançável pelo discurso literário.

Segundo: a presença de comentários relativos a problemas de criação relacionados ao ato da escrita explicita o caráter metaliterário da narrativa, como no fragmento: “[...] finalmente, um outro homem, sozinho em seu apartamento e que procura escrever nesta noite um texto, buscando palavras para cenários talvez por palavras indizíveis, mas como se sua tarefa fosse esta, buscar o impossível, mostrar uma realidade que escapa das nossas mãos como um sapo e

sempre se coloca mais adiante [...]” (SANT’ANNA, 2007, p. 114). O exame dessa citação revela a existência de uma limitação inerente ao ato da escrita: a da impossibilidade de expressar através de palavras o que o escritor deseja representar/interpretar. Essa discussão centraliza-se também nos demais fragmentos, constituindo-se como *leitmotiv* do conto em sua integralidade.

Terceiro: o narrador descreve a imagem pictórica *Nighthawks*, do pintor norte-americano hiperrealista Edward Hopper, com o objetivo de suplementar a busca pelos possíveis significados e alcances da palavra escrita e, com isso, presentificar a copresença dos dois imaginários – o verbal e o pictórico – para estabelecer uma relação de solidariedade e nutrição recíproca. O narrador, assim, evidencia que, se a palavra escrita não é capaz de dar conta de tudo aquilo que ele deseja, a aproximação com a linguagem pictórica – uma das possibilidades humanas de conexão com o mundo – é um recurso viável, se não para satisfazer o desejo de articulação com a totalidade do mundo, pelo menos para minimizar as impotências da escrita e torná-la mais próxima da totalidade almejada. Ainda que essa tentativa resulte inócua, é preciso experimentar, pois, afinal, essa é uma contingência do próprio ato criativo, por meio do qual se busca inventar mundos no vácuo de uma impossibilidade: a de produzir sentido para o real por meio da codificação de signos.

4. CONCLUSÕES

Com o exame de “Cenários”, chegou-se à conclusão de que Sérgio Sant’Anna, considerado esse conto como paradigma de sua obra de ficção, problematiza questões que permeiam a própria natureza da arte que pratica. Ou seja, sua escrita conforma-se na confluência de signos e códigos estéticos verbais e imagéticos na tentativa de agregar significado ao texto literário. Sua literatura, portanto, em estado de total abertura, inscrita no limiar do provável, explicita o ato de criação através da exposição de suas impossibilidades, incompletudes e imperfeições. Essa é, de resto, a hipótese que sustenta o exame da literatura de Sant’Anna proposto para a investigação em andamento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, R. **S/Z**. Tradução de Maria da Santa Cruz e Ana Mafalda Leite. Lisboa: Edições 70, 1970.
- COUTINHO, E. F. **Literatura Comparada e interdisciplinaridade**. In: OURIQUE, J. L. P., CUNHA, J. M. S., NEUMANN, G. **Literatura: crítica comparada**. Pelotas: EDUFPEL-PREC/UFPEL, 2011. p. 21-30.
- PAMUK, O. Palavras, quadros, objetos. In: PAMUK, O. In: **O romancista ingênuo e o sentimental**. Tradução de Hildegart Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 66-87.
- PLAZA, J. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- SANT’ANNA, S. **Cenários**. In: **50 contos e 3 novelas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.